

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 11.)

Disseminação.

260.º Um pouco depois da epocha da maturação abrem-se em geral os fructos, desunem-se as diferentes partes que os compõem; e as sementes, nelles contidas, rompendo os laços, que as prendiam a estes órgãos, espalham-se pela terra. Esta acção organica, que tanto se assemelha ao parto dos animaes, ou á postura dos ovos, tem o nome de *disseminação*.

261.º A disseminação natural das sementes é o *agente* mais poderoso da reproducção das plantas. Foi a natureza que ensinou ao homem este proveitoso processo. As vantagens, que o agricultor delle tira são universalmente conhecidas.

262.º E' na verdade maravilhosa a profusão com que a natureza produz os germes ou as sementes da maior parte das plantas. N'um pé de dormideira, por exemplo, tem-se encontrado até 32:000 sementes, e n'um pé de tabaco 360:000. Se todas estas sementes germinassem não seria sufficiente toda a vasta superficie da terra para conter estas duas unicas espécies depois de algumas dezenas de gerações.

263.º Ha porém um sem numero de causas que tendem a neutralisar esta espantosa fecundidade das plantas. Em primeiro logar deixão de concorrer no maximo numero de casos todas as condições indispensaveis á germinação, que como veremos, são muito numerosas: em segundo logar o homem e os animaes herbivoros, encontrando nas sementes os principaes elementos de sua nutrição, destroem uma innumeravel quantidade dellas.

264.º Existe um grande numero de circumstancias favoraveis á disseminação. Umas vezes são os fructos, que se abrem com uma especie de elasticidade, lançando as sementes a grandes distancias; outras vezes são as proprias sementes, que pela sua leveza, e

por uma especie de azas membranosas, de que a natureza as dotára, voão pelos ares, e vão cair em pairagens remotas. Os ventos, as correntes dos rios, e dos mares, o fluxo e refluxo das marés, o homem, as aves, e muitos outros animaes são outros tantos portadores das sementes, e ás vezes até de um para outro hemispherio. Todas estas causas concorrem para enriquecer a flora de um paiz com as plantas dos outros. Nas costas da Noruega e da Finlandia encontram-se fructos da America trazidos pelas agoas. As sementes das *bignonias* fazem longas emigrações, sustentando-se nos ares, e sendo impellidas pelos ventos.

Germinação.

265.º A serie de phenomenos, porque passa a semente perfeita, quando posta em circumstancias favoraveis ao logar ao desenvolvimento do embrião, e á sua transformação em nova planta, tem o nome de *germinação*.

266.º A serie dos phenomenos da germinação é a seguinte. A semente posta em contacto com a terra humida entumece, os seus tegumentos amollecem, e rompem-se; o embrião, que, como já dissemos, é a parte mais interior e essencial da semente, havendo experimentado uma certa dilatação, sabe pelas aberturas da mesma semente, e nutrido pelos cotiledones, ou pelo endosperma, começa a desenvolver-se, e a crescer. E' então que podem ser bem observadas todas as suas partes componentes, isto é, o corpo radicular ou a radícula, a *gemma*, e os cotiledones. O primeiro forceja por se encravar na terra, fugindo á luz, a segunda dirige-se para o céu procurando a claridade, os terceiros começão por entumecer, e acabão por se atrophiar, porque a sua substancia é sacrificada ao desenvolvimento da plantula.

267.º A fava póde-nos dar uma idéa da maneira porque estes phenomenos se vão succedendo. Vinte e quatro horas depois de semeada apparece entumecida, os seus tegumentos amollecidos, e a abertura por onde tem de passar a radícula apresenta-se mais dilatada. No fim do terceiro dia a radícula já tem transposto esta mesma abertura, e começa a chupar os fluidos nutritivos da terra; os tegumentos já se achão muito mais amollecidos, os cotiledones muito mais in-

chados, e a gemmula começa a dar signaes de desenvolvimento, posto que ainda encerrada dentro do corpo cotiledonar. No setimo dia já a raiz se manifesta tortuosa, e com principio de ramificações, os cotiledones, que apresentam então uma côr amarellada, tem-se atrophiado um pouco, e as folhinhas seminaes da gemmula já se deixão vêr pela parte superior do corpo cotiledonar. No nono dia a gemmula já apresenta a fórma do caule, a radícula a fórma da raiz, e os cotiledones continuão a atrophiar-se até que passados mais alguns dias a plantula se transforma completamente n'um novo vegetal inteiramente similhante áquelle de que proviera.

268.º Para que uma semente germine é necessario o concurso de certas circumstancias, umas intrinsecas e outras extrinsecas á mesma semente.

269.º Eis-aqui as principaes d'entre as primeiras. A semente deve ter sido fecundada, estar no seu perfeito estado de maturação, e encerrar um embrião completo em todas as suas partes. Precisa além disto não ter perdido com a idade a sua faculdade germinativa.

270.º Ha sementes que perdem esta faculdade em muito pouco tempo; ha porém outras que a conservam durante annos e até durante seculos, uma vez que hajão sido perservadas do contacto do ar, da humidade, e da luz. E na verdade algumas se tem feito germinar, posto que encontradas em tumulos romanos de muitos seculos de antiguidade. As sementes, que por mais tempo conservam a sua faculdade germinativa, são as que tem tegumentos espessos, polidos, e pouco penetraveis pelo ar e pelo luz, como as das plantas leguminosas; as dos cereaes em muito pouco tempo perdem aquella faculdade, como é sabido por todos os agricultores.

271.º As circumstancias extrinsecas e essenciaes á germinação são a acção da *agoa*, do *calor*, e do *ar*. A *agoa* amollece os involucros da semente e favorece a sua ruptura; penetra na amendoa e opera o seu entumescimento: serve de dissolvente e de vehiculo aos verdadeiros alimentos da plantula; e determina nos cotiledones e no endosperma mudanças chemicas que convertem os seus principios immediatos em substancias aliveis. O *calor* favorece a germinação ministrando não só uma condição phisica necessaria áquellas acções chemicas, mas tambem uma excitação vital, sem a qual o organismo vegetal não responde á acção dos seus naturaes modificadores. Assim vemos que uma semente posta n'uma temperatura inferior a zero, isto é, inferior á do gelo, não só não germina, mas fica n'um perpetuo entorpecimento; e do mesmo modo se a submettermos a uma alta temperatura, á de 45 a 50 grãos do thermometro de Reaumur, tambem deixa de germinar, por uma razão contraria — porque o excesso do calor desseca os tecidos a ponto de amortecer nelles o principio de vida. E' por tanto entre estes dois extremos, que encontra-

remos as temperaturas mais favoraveis á germinação que existem na verdade entre 20 a 30 grãos. O *ar* finalmente é tão necessario ás plantas quando germinão, como quando vegetão em idade mais avançada. No vazio da machina pneumatica nenhuma semente germina, porque lhe falta o ar. Se a mergulharmos no azote, que como sabemos é um dos elementos do ar, tambem não germina; mas se a mergulharmos no oxigenio, que é o outro elemento do ar atmosphérico, a sua germinação será rapida e energica; donde devemos concluir, que é em virtude deste principio que o ar é proveitoso á germinação.

272.º E na verdade tão proveitoso e indispensavel é elle que todas aquellas sementes que tem existido profundamente enterradas na terra e subtrahidas por consequencia á acção do ar, ficam durante longo tempo sem dar signal algum de vida; mas quando em virtude de escavações e lavras profundas são trazidas á superficie do terreno germinão perfeitamente. De modo que a terra foi neste caso para ellas como um desses *siros*, onde os antigos conservavam por muito tempo escondidos e intactos os cereaes e outros grãos.

Dos movimentos das plantas.

273.º Posto que as plantas não exerçam movimentos espontaneos ou voluntarios, como os animaes, exercem todavia movimentos involuntarios mui curiosos e dignos de se mencionarem quando se expõe a historia da vida destes seres.

274.º Estes movimentos manifestam-se em quasi todos os órgãos da planta, mas principalmente nas folhas, e nas flôres.

275.º Se invertermos a posição natural de um ramo, e por consequencia a das suas folhas, de modo que a sua face superior fique virada para a terra, e a inferior para o céu, veremos irem-se revirando pouco a pouco estes órgãos até ficarem na sua posição natural e primitiva.

276.º A maior parte das plantas que tem folhas compostas ou articuladas apresentam-nos estes órgãos em posições diversas durante o dia, ou durante a noite. Effectivamente as leguminosas, que constituem uma numerosa familia, e muitas outras plantas apresentam-nos as folhas horisontaes ao nascer do sol, quasi verticaes ao meio dia, e inclinadas ou pendentes para a terra durante a noite, como se estivessem dormindo. Foi por isto que Linneo deu a este phenomeno o nome de *somno das plantas*, e na verdade no meio da sua prostração ellas parecem sepultadas n'uma especie de somnolencia.

277.º A *dionæa muscipula*, planta natural da America é munida de folhas carnosas compostas de duas metades ou lobulos articulados por uma especie de charneira. Estas folhas são de uma exquisita excitabilidade; quando qualquer insecto as pica, as duas metades se aproximam e fecham rapidamente uma sobre

a outra, e esmagam o pobre animal que imprudentemente as fôra estimular — é por este motivo que esta planta é vulgarmente designada pelo nome de *apinha-moscas*.

278.º E' muito conhecida a excitabilidade da *sensitiva*, que tocada por qualquer corpo estranho, estremece, e se contrahe, unindo as folhas aos ramos, e estes ao caule, como se algum sentimento de susto ou de pudor a tivesse commovido. Esta esquisita susceptibilidade fez com que Linneo lhe desse o nome de *mimosa pudica*. Muitos outros factos de egual natureza poderamos citar para provar que as folhas das plantas são dotadas de movimentos, dos quaes uns são filhos da tendencia, que estes órgãos tem para a luz, e outros da sua excitabilidade vital.

279.º A luz é tambem a causa de varios movimentos apresentados pelas flôres.

280.º Effectivamente ha flôres que vão tomando sobre o seu pedunculo posições taes, que sempre se veem viradas para o sol. A planta, que por esta razão se denomina *girasol*, está neste caso, posto que a sua tendencia para a luz não seja das mais pronunciadas.

281.º Existem outras flôres que se abrem e fecham em horas certas e determinadas do dia; o que deu lugar á formação do *relogio de Flora* imaginado por Linneo. Outras só se mostram abertas durante o dia e fechadas durante a noite, e *viceversa*, e por isso receberão a denominação de *diurnas* e *nocturnas*. Os nomes populares dados a certas plantas, como a *bella da noite*, a *bella do dia*, &c., fazem vêr que este phenomeno, appellidado tambem *somno das flôres*, era vulgarmente conhecido de ha muito tempo.

282.º Existem ainda outras flôres, que pelos seus movimentos nos denunciam certas mudanças atmosphericas, particularmente a humidade e a secura do ar, e que por isso se chamam *meteoricas*, como são, a *calendula pluvialis*, ou a bonina das chuvas, o *sonchus sibiricus*, &c.

283.º Na epoca da fecundação deixam tambem vêr as flores nos seus órgãos sexuaes curiosissimos movimentos, que são evidentemente devidos a um augmento de excitabilidade. Na *parnassia*, por exemplo, os seus cinco estames curvam-se successivamente para o centro da flôr a fim de se applicarem sobre o pistillo. Na *parietaria* quando os seus filetes são tocados por qualquer corpo estranho abrem-se rapidamente as antheras por deixar sahir o pollen.

284.º Terminaremos aqui, com a exposição destes quasi mysteriosos e inexplicaveis phenomenos, a *historia da vida e funcções das plantas*; e passaremos em seguida a apresentar as *noções elementares de agricultura*, que devem constituir a segunda parte deste nosso trabalho.

SEGUNDA PARTE.

Elementos de Agricultura.

285.º A *agricultura* considerada n'uma das suas mais geraes accepções não só nos ensina a maneira de cultivar a terra para della extrahir o maior proveito possível — mas ainda a maneira, porque devem ser recolhidos, cuidados, e manipulados os productos agricolas; e porque devem ser educados e aproveitados os animaes domesticos, que ou hão-de ajudar o lavrador nos seus variados trabalhos, ou hão-de servir de alimento ao homem. Considerada porém n'uma accepção mais restricta — naquella em que a tomamos neste logar — é a *agricultura a sciencia*, que nos ensina os preceitos theoricos e praticos, com que se ha-de cultivar a terra.

286.º Os processos desta cultura não são mais do que uma imitação dos processos da natureza — desta mestra universal do genero humano. Foi ella que ensinou ao agricultor a romper, a corrigir, a estercar, e e regar as suas terras — a fazer em tempo proprio as sementeiras, as plantações, as mergulhias, as podas, e os enxertos — foi espreitando as suas indicações, reproduzindo e modificando os seus processos, que o agricultor forçou a terra a ministrar-lhe as variadas producções que devem satisfazer as principaes necessidades do genero humano.

287.º Obter de um dado terreno e n'um dado tempo o maximo proveito possível é o fim, que o cultivador deve propôr-se nas suas operações agricolas. Se estas operações forem guiadas por mãos inexperientes, nunca, a não ser por acaso rarissimo, serão coroadas de resultados felizes. O saber guiado pela experiencia, a vontade animada pela perseverança são qualidades indispensaveis ao cultivador e condições essenciaes da proficiencia dos seus processos.

288.º Poucas profissões carecem de um juizo prudencial, e de um tino pratico tão grande como a do agricultor. Elle está sempre entre dois escolhos, que precisa igualmente evitar, porque podem igualmente perdê-lo. E' preciso que elle não seja tenazmente aherado ás praticas antigas, nem supersticiosamente afeiçoado ás modernas — que não condemne sem razão evidente o que o tempo tem consagrado, nem adopte sem serio exame as innovações que lhe forem apresentadas. Muitas destas innovações uteis em certas localidades poderão não sê-lo na sua — e então é indispensavel submettel-as á pedra de toque da experiencia; e ensaia-las em ponto pequeno, a fim de que as perdas, que por ventura possam derivar de taes tentativas, não desfalquem a sua fortuna.

289.º O bom agricultor deve dedicar a estas tentativas uma pequena porção do seu campo, deve instituir ahi culturas experimentaes, ensaiar novos methodos, e instrumentos agrarios modernos; e eu lhe

asseguro que ha-de nesse livro, que não mente, aprender bellas e proveitosissimas cousas.

290.º E' na verdade para lamentar o tardo movimento agricola, que existe n'um paiz tão fecundo, como o nosso. Vamos ficando atraz de quasi todas as nações da Europa. E assim deve de ser, porque os nossos agricultores carecem geralmente da precisa instrucção nos objectos da sua profissão — nem são ordinariamente os proprietarios os cultores das terras, mas sim os rendeiros, que, attento o uso funestissimo dos curtos prazos dos arrendamentos, não curão nem podem curar de melhora-l-as. Assim os campos em muitos pontos do reino são mal agricultados, e miseravelmente adubados — os instrumentos agrarios imperfeitos e malprestadios — as sementes pouco escolhidas e apuradas — as rotações das culturas ou desconhecidas ou pouco variadas — os gados são escassos, muitas vezes mal cuidados, e quasi sempre expostos ás intemperies do ar, e a insupportaveis privações — as raças, salvas poucas excepções, andão abastardadas — os estrumes por falta de curraes são desaproveitados — os correctivos quasi desconhecidos — e finalmente os pastos em muitas partes do reino são apenas as produções espontaneas do solo, sujeitas frequentes vezes a um *communismo devastador e intoleravel*.

291.º Custa a crêr, que predomine ainda nas nossas provincias meridionaes o mesquinho *systema dos pousios ou do descanso das terras* — este systema que caracteriza apenas a segunda epocha dos progressos da agricultura, e que só vio antes de si a *cultura mó-nada* dos povos pastores, que marca a primeira epocha, ou a epocha da infancia desta arte.

292.º A terra não precisa de descanso como o homem; a sua força productiva não se debilita nem esgota como a de uma velha mulher. Se vós souberdes reparar as suas forças, e dirigir convenientemente a sua acção, vereis como a conserveis n'uma permanente fecundidade. Sendo certo que umas culturas empobrecem e outras enriquecem os terrenos, e que nem todas as plantas requerem ao solo os mesmos principios alimentares, é evidente que podem estabelecer-se giros ou rotações de culturas, que mantenham em constante, ou *quasi constante* actividade as forças productivas do solo. E na verdade é isto o que se faz *systematicamente* haverá pouco mais de um seculo nas nações mais cultas da Europa. Aquelles giros de culturas são conhecidos pelo nome de *systema de afolhamentos ou de cultura alterna*, que caracteriza a terceira epocha da agricultura, e o seu mais pronunciado aperfeiçoamento.

293.º Este systema agronomico augmentou ex-pantosamente o valor dos productos agricolas nos paizes, que afortunadamente o adoptaram; mas este systema liga-se com o dos prados artificiaes, com um copioso e periodico emprego de adubos, e consequentemente com uma abundante criação de gados. *Prados, gados, e estrumes*, são os elementos da boa agricul-

tura, e aquelles que os nossos lavradores devem procurar adquirir se quizerem competir nos mercados estrangeiros com as produções da grande cultura, e especialmente com os cereaes das nações que os exportam — porque o caso não está em produzir muito, que muito já nós produzimos de certos artigos; o caso está em produzir barato; e é barato que nós não produzimos muitas vezes.

294.º Nós daremos em outro lugar o necessario desenvolvimento a esta idéa fundamental de todo o bom systema de cultura — mas quizemos desde já estampal-a no começo destas noções para que os nossos cultivadores a meditem, e se familiarisem com ella.

295.º Antes de encetar qualquer cultura, ou de se estabelecer em qualquer localidade deve o cultivador procurar conhecer duas cousas, qualquer dellas muito importante, o *clima*, e o *solo*. Vamos pois estudar separadamente cada um destes objectos.

CAPITULO I.

Clima e sua influencia em agricultura.

296.º O clima considerado em relação á agricultura é um resultado da acção combinada dos agentes da vegetação, isto é, do ar, da agoa, do calor, da luz, da electricidade, e do solo; mas como estes agentes actuam por intervenção da atmosphera, ou da terra, é evidente que nas variações destes dois ambientes das plantas encontraremos a razão sufficiente das diversas constituições dos climas.

297.º Estudando a atmosphera em relação á agricultura nós devemos examinar não só a sua acção chimica, mas tambem a sua acção physica e mechanica, donde nascem muitos phenomenos meteorologicos da mais alta importancia na vegetação, como são os *ventos*, as *chuvas*, as *trovoadas* as *nevoas*, &c., e estudando o solo devemos examinar a sua *situação e exposição*, deixando a sua composição chimica para ser tractada em separado, attenta a sua grande importancia.

Acção chimica da atmosphera.

298.º O ar atmosferico é composto, como já dissemos, de gases ou de vapores ligeiros e invisiveis, que obram diversamente sobre a vegetação. Estes gases são o oxigenio, e o azote; mas entram tambem na composição do ar, posto que em pequena quantidade, o gaz acido carbonico, a ammonia, e a agoa em vapor.

299.º O *oxigenio* que entra por pouco mais de uma 5.ª parte na constituição da atmosphera, é absorvido pelas raizes, exhalado de dia pelas folhas; é o principal agente da germinação, e um dos primeiros elementos da planta.

300.º Esta substancia exerce um papel importan-

tissimo em toda a natureza. Combina-se com uma multidão de corpos occasionando a sua combustão: dá nascimento aos oxidos ou terras, que formam a massa do solo aravel: fórma a agoa combinando-se com o hidrogenio, e a maior parte dos acidos combinando-se com os saes — alimenta a respiração dos animaes, e é um dos agentes mais poderosos e essenciaes da vida.

301.º A acção do azote — desse outro gaz, que entra quasi por quatro quintos na composição do ar — é pouco apreciavel sobre a vegetação — esta substancia parece destinada a temperar a grande energia do oxigenio, que no estado de pureza excita por tal modo a acção organica das plantas, que as mata por excesso de vida. Encontra-se em algumas substancias vegetaes, e em grande abundancia no organismo animal.

302.º O acido carbonico, é como já dissemos, um resultado da combinação do oxigenio com o carbonio, ou com o elemento do carvão. Este gaz forma-se continuamente na atmosphera. Elle é uma consequencia da fermentação, da putrefacção, da combustão, da respiração animal, e tambem da decomposição natural ou artificial de certas substancias mineraes. Se os vegetaes o não decompozessem elle se accumularia no ar a ponto de ser funesto aos animaes, que não podem respiral-o impunemente: mas inspirado e decomposto continuamente pelos órgãos verdes das plantas, apenas se encontra na atmosphera em quantidade variavel, mas muito pequena.

303.º A ammonia, que segundo se crê existe tambem no ar, é um resultado da putrefacção diaria de milhares e milhares de animaes — todo o azote, que elles continham é restituído á atmosphera debaixo da forma de ammonia, que é a mais simples de todas as combinações azotadas, por isso que o azote manifesta pelo hidrogenio a mais pronunciada e energica afinidade. Esta substancia entrando para dentro do organismo vegetal é ali decomposta, e cede os seus principios á planta, que os restitue debaixo de outras combinações aos animaes, continuando-se assim, na successão dos tempos, essa eterna cadeia das transformações da materia, que são o grande segredo da economia da natureza. Os estrumes, ou as materias organicas em decomposição, são por tanto o rico manancial donde esta substancia se evolve em fórma de vapores — e daqui provem principalmente a sua immensa utilidade. As agoas da chuva precipitando-se na terra trazem depois consigo, e em dissolução, estes vapores — e daqui provem igualmente a excellencia desta irrigação natural sobre todas as regas artificiaes.

304.º Se a estas influencias juntarmos ainda a da agoa existente no ar, a qual penetra por toda a superficie da planta para ser por ella decomposta e assimilada; e se ao mesmo tempo reflectirmos que o ar pode nas diversas localidades estar mais ou menos

sobrecarregado de acido carbonico, de ammonia ou de agoa, e ser por consequencia mais ou menos apropriado á vegetação, teremos deste modo completado a idéa da acção chimica do ar sobre a mesma vegetação.

(Continua.)

ESTUDOS SOBRE CABO VERDE.

I.

Declaração. — *Noticia do paiz.* — *Os pretos, canarins e mestiços.* — *Abastamento.* — *O cuscús e a batanga.* — *Modo de vestir.* — *Festas e casamentos.* — *Feiticeira tá come minino.* — *Os enterros, e o gongó.* — *Os flagellantes, e o nojo.* — *O jague.* — *Medicos pela graça de Deus.* — *Modo de matar as bezigas com o doente.* — *Notas.*

Cedendo aos desejos de alguns amigos vou narrar com singeleza o que vi nas Ilhas de Cabo Verde em perto de sete annos de residencia que alli fiz: os costumes deste povo, cuja existencia parece que apenas data de hontem pelo seu atraso, ao mesmo tempo que parece anti-diluviana pelas ruinas que alastram o chão em que habita; o seu dialecto, as leis porque se rege, a historia de seu clero e estabelecimentos ecclesiasticos, a sua instrucção, agricultura, industria, commercio, população, e rendimentos publicos tudo achará logar *nos meus estudos*; que outro nome não merece a serie de artigos que a tal objecto pretendo dedicar.

Não se julgue que presumo tanto de mim, e dos conhecimentos especiaes que pude adquirir pela posição que occupei naquella Provincia, que me apresente para corrigir o que antes de mim disseram outras pessoas, principalmente nestes ultimos annos. Eu não escrevo uma historia do Archipelago de Cabo Verde, apenas dou conta de minhas impressões; procurei ser exacto, não sahir nunca da verdade, mas não entendo refutar escriptos, e ainda menos desmentir alguém: escrevo sobre o que vi, e nada mais.

Isto dito, entro em materia.

O aspecto exterior destas Ilhas é, fóra do tempo das agoas, o da esterilidade personalisada — montes escarpados, encostas d'um vermelho torrado, e praias d'uma aridez desoladora, já negras como simonte, já brancas como a cal virgem. Porém, durante as agoas é mui outro: a vegetação luxuosa destas encostas, e destes montes, ainda ha poucos mezes tão melancolicos por sua nudez, denuncia uma feracidade que as mais das vezes não é senão uma outra illusão.

Quem vir estas Ilhas pelo seu lado externo desde Dezembro até Julho ha-de suppôr que a fome estabeleceu alli o seu imperio; quem, pelo contrario as vir de Agosto até Novembro ha-de presumir que ha uma superabundancia tal de riquezas agricolas, que não é

possivel que jámais se possa alli sentir, não direi já fome, mas nem ao menos carestia.

O interior, porém, não corresponde á idéa que o seu exterior fez nascer. O viajante, que no tempo das agoas, costear a Ilha do Sal, e Boa Vista, ou S. Vicente, ou a do Maio, ha-de com razão presumir que os habitantes destas Ilhas nadam na abundancia, ao passo que elles não tem o restricto necessario, e carecem — as duas primeiras, dos auxilios da de S. Nicoláu, a terceira dos da de Santo Antão, e a quarta da sua vizinha de Santiago: mas se esse, ou qualquer outro, costear no tempo secco as Ilhas de Santiago, Fogo, Brava, Santo Antão, ou S. Nicoláu ha-de supôr que a fome devasta os seus habitantes, ao proprio tempo que elles tem não só o necessario, mas ainda o superfluo, que vendem para as outras Ilhas e para fóra da Provincia.

Assegurai a estas Ilhas que o seu chão será fertilizado pelas chuvas das trovoadas da Costa, e nada vos pedirão seus habitadores; mas algumas vezes acontece que as chuvas faltam em todas as Ilhas e então ha uma fome geral no archipelago, o que succede em periodos quasi regulares de 16 a 20 annos; outras vezes faltam já n'uma, já n'outras Ilhas, e dá-se então a fome parcial, em maior ou menor escala: isto tem logar quasi todos os annos. Tambem acontece de vez em quando, que uma superabundancia de agoas produz fome, como a falta dellas, pela destruição da sementeira.

Estas Ilhas foram povoadas pelas familias dos primeiros portuguezes que alli se estabeleceram, por causas de pretos que ellas mandaram vir da Costa vizinha, e por degradados que se estabeleceram na terra, e alli casaram: o cruzamento das raças deu, com o andar dos tempos, nascimento aos tres typos que hoje alli se encontram, deixando de parte os mestiços filhos de branco e preto até á segunda ou terceira geração (1). Alguns destes mestiços, porém, principalmente na Ilha Brava tem côr rosada, e feições agradaveis como os brancos, e por taes pretendem passar; mas em geral tem *pannos* pelo corpo, que repugnã á vista.

Em quanto os *vadios*, ou habitantes do interior de Santiago apresentam em sua maxima parte o typo da raça preta, côr bem escura, com beiços e nariz grossos, e os cabellos crespos; os habitantes das outras Ilhas apresentam pela maior parte, com excepção dos de Santo Antão, um typo differente que se assimilha muito com os canarins, côr mais ou menos azeitona-

(1) É de tradição que os primeiros descobridores encontraram na Ilha de Santiago alguns casaes de pretos Jalofos, descendentes de um rei com seus fidalgos e familias, que fugindo em canoas a uma revolta, das que alli eram tão frequentes, foram pelas trovoadas impellidos para esta Ilha deserta, onde aportaram e se estabeleceram. Ainda que isto seja possivel por ser a viagem de menos de 6 dias, não me parece provavel: comtudo passa em Cabo Verde por factu incontestavel.

da, beiços delgados, nariz aquilino, cabellos finos e azevichados: e finalmente os de Santo Antão mostram-se quasi todos de côr fulla, molles, afeminados, e com todos os caracteres de abastardamento physico e moral. De que procede esta differença, que também se revella nos idiotismos de seu dialecto, que variam de ilha para ilha, ou nas modificações accidentaes de costumes, que tambem se differenceam de uma para outra ilha?

Se a maior ou menor communicação com os estrangeiros, as allianças restrictas á mesma côr, ou mais extensas com outras côres, e seus matizes explica sufficientemente as alterações essenciaes que se notam nas duas primeiras classes de habitadores (2), não me parece que seja o mesmo a respeito da terceira, para a qual não encontro resposta que me satisfaça senão no estado de escravidão completa em que jazeram todos os habitantes da Ilha de Santo Antão até 1 de Janeiro de 1780, em que a Senhora D. Maria Primeira o fez cessar; e na segregação em que por isso, e pelos accidentes de seu terreno, estavam dos habitantes de todas as outras Ilhas, o que os obrigava a serem restrictos nas suas allianças: e isto é uma causa efficacissima de degeneração e abastardamento.

As necessidades destes povos são tão limitadas que mui facilmente as satisfazem; pelo que, e pela influencia da atmospherã tropical em que vivem, tanto aborrecem o trabalho, como são dados ao uso das bebidas e dos folgares.

É frugal o seu sustento, que consiste em feijão, abobora, pepinos, algum milho, e batata doce, ou mandioca, e leite; tambem gostam muito de espigas assadas, com o que consomem quasi a terça parte da colheita. O milho descascado (*cochido*) que cosem e misturam com o leite azedado (*dormido*) é para elles uma iguaria a que dão muito apreço. Raras vezes comem peixe, apesar de serem tão abundantes delle os seus mares, e ainda mais raras comem carne, e quando o fazem, nos seus dias festivos, é principalmente de porco e de cabrito.

São diversas as comidas que arranjam com o milho misturado com feijão ou leite, mas não é meu proposito mencional-as aqui por não interessar isso ao leitor.

Do milho simples fazem o *xarem*, que é o grão pisado ao pilão em pequenos bocados do tamanho de cevadilha; e tambem a farinha, que lhes serve para o *cuscús*, e para a *batanga*.

O *cuscús* é uma especie de borôa que se faz amassando a farinha com agoa, e mettendo-a n'uma pannela crivada de buracos como os assadores de casta-

(2) Aqui não achei aquelle desejo ardente de melhorar a raça, que no Brazil, por exemplo, é tão vulgar: é pelo contrario mto commum vêr-se um rapaz quasi branco tomar uma preta por mulher, ou uma rapariga já bastante clara ir casar com um preto, posto que isto seja menos usual.

nhas; põe-se esta panella em cima de um tacho de agoa a ferver, cujo vapor, atravessando os buracos da panella, repassa a borôa e assim a cose. Comem-no mesmo quente, e então é mui saboroso; porém as mais das vezes cortam-no em talhadas e seccam-no ao sol para durar mais tempo, e serve-lhes assim, n'algumas ilhas, para tomarem com o café ao almoço; e principalmente para comerem com leite. Também fazem *cuscús* doce, deitando assucar na massa.

A *batanga* é um bólo amassado, que se cose no borrhão, e fica da mesma fórma que se fosse cosido no forno: come-se quente com manteiga, ou fria, mas nesse estado é mui aspera.

Alguns Europeos gostam muito do *cuscús* e da *batanga*, quente com manteiga; e eu comi *batanga* bastantes vezes assim, em 1846, quando estivemos perto de seis mezes sem farinha de trigo.

As fructas em que o paiz é tão abundante, como a banana, a goiaba, &c., auxiliam muito o alimento deste povo; vantagem de que não gozam todavia os habitantes das Ilhas do Maio, Boa Vista e Sal, onde ellas são mui raras.

O vestuario dos homens consiste geralmente n'uma camiza d'algodão ordinario, a que chamam paulino, umas calças de russo (fazenda americana, de côr pardo-azul), e jaqueta ou chambre curto da mesma droga, com um chapeo de palha feita na terra, ou dos de pello ordinario que alli vão de Portugal.

As mulheres usam pela maior parte de camiza de algodão unida nos hombros e no seio como um vestido, e de mangas até ao punho, saia de chita, ou de algodão da terra, conforme a estação, lenço de seda, ou de algodão na cabeça, brincos nas orelhas, e contas ou coraes ao pescoço; e cobrem-se com um panno feito na terra, e tecido em labores (*vindimado*), ou de algodão liso tinto (*panno tinguido*), que umas vezes lançam por diante do peito sobre o hombro, como nós usamos do capote quando nos embuçamos a que chamam trazer panno *lambudo*, outras deitado sobre um hombro; e para trabalharem amararam-no na cintura: também lhes serve para segurarem os filhos nas costas, a que chamam *trazê bambudo*. Tanto os homens como as mulheres andam vulgarmente descalças, porém as das povoações gostam muito de çapatos de duraque de côres.

Os escravos de ambos os sexos vestem da mesma forma; distinguem-se apenas em andarem sempre descalços, pois que a faculdade de usar de calçado é exclusiva dos individuos de condição livre.

Além dos batuques e *mornas* (sarãos), com que os habitantes das Ilhas matam o tempo, e distrahem a fome, ou celebram algum acontecimento notavel, ou o dia de algum Santo da sua devoção, tem cada anno uma festa geral no archipelago, e é a de Santa Cruz, que principalmente pertence aos escravos. Neste dia renovam-se as antigas Saturnaes, em que não havia S'nhores, nem escravos; estes consideram-se livres

durante todo o tempo da festa, que se passa em banquetes, danças, corridas da cavallos, tiros d'espingarda, e outras demonstrações de regosijo.

Nos casamentos são também excessivos os festejos, que constam egualmente de mornas, ou batuques conforme a condição social dos noivos, ou a mais intima comunicação em que estão com os Portuguezes, cujos costumes muito se honram de imitar, quanto lhes é possível, sem faltarem com tudo ás suas proprias e antigas tradições.

Nesse dia os noivos trajam á portugueza; o varão de casaca, ou casaco, e a femea de vestido, manta ou chaile e a cabeça ornada. Se o casamento tem lugar em povoação, todos os amigos do noivo se dirigem a casa delle, e d'alli o acompanham á da noiva que está cercada de todas as suas amigas e parentas, que a consolam, ou fingem consolal-a, no meio dos prantos que é de rigor e de *decencia* que ella verta nesta occasião solemne; e depois se dirigem todos em prestito á Igreja, indo as mulheres adiante com a noiva e em seguida os homens com o noivo. Durante a cerimonia, tem a noiva por obrigação chorar inconsolavelmente, mas logo que finde, trocam-se as lagrimas em risos, e os noivos recolhem-se quasi sempre a casa della de braço dado, e acompanhados de todos os assistentes misturados.

Em casa esperam-nos refreseos, ou o banquete conforme a hora, e depois as danças, e mais brinquedos do costume, até que pela meia noite vai a noiva com o noivo para casa deste em precissão, sendo acompanhados de todos os convidados; e nessa occasião toma ella posse de seu novo imperio.

No outro dia as amigas mais intimas, e parentas da noiva vão assistil-a quando se levanta, e examinar a cama, cerimonia que com tudo sómente se pratica com uma donzella.

Os casamentos no campo não fazem differença essencial do que deixamos narrado, senão em que são indispensaveis os tiros d'espingarda; e em que a noiva deve montar n'uma egua para ir á Igreja, e o noivo deve ir ao pé della cavalgando um *sendeiro* (cavallo bom) inteiro, a fim de mostrar a sua destreza e força em lhe refrear os impetos.

Em geral são estas as ceremonias de casamento em todas as ilhas; algumas differenças que apparecem são de mui pequena importancia, que nem vale a pena de mencional-as (3).

(3) Quando estive em Santo Antão contaram-me que houvera alli um portuguez que dizia, quando casou, que não havia de seguir o costume da terra, que consiste em atirar o marido dous tiros d'espingarda pela janella de seu quarto, na primeira noite das nupeias, quando não tem motivo para desconfiar da pureza da noiva: mas os irmãos desta ameaçaram-no de que dariam nelle os tiros, se assim deixasse exposta a honra de sua irmã ás calumnias; e que se por acaso viessem no conhecimento de que esta não estava pura, e que a isso devia attribuir-se a falta dos tiros, que a matariam a ella. Á vista disto não teve o portuguez remedio senão ceder.

As creanças são baptizadas ordinariamente no fim de oito dias, e esse dia é um dia de festa para a familia, celebrado como os seus festejos do costume, em que se não passa nada que mereça particular menção. Ha porém uma circumstancia que me parece digna de mencionar-se pois que faz parte dos costumes deste povo.

E' mui dado á crença das feiticeiras, que *tá comê minino*; e como tem para si que a occasião critica é a noite do setimo dia para o oitavo, em que deve baptizar-se, costumam as amigas da mãe reunirem-se nessa noite em casa della, e *velarem* passando-a em conversas e contos, que é para *spaná feiticeira*, que não se chegam ao menino, sentindo gente accordada.

Quando morre alguém, as pessoas de casa rompem em altos gritos, e lamentos descompostos, a cujo som concorrem todas as mulheres da visinhança, que estão em relações com a familia do morto, as quaes vão vestidas de preto, e á proporção que entram levantam seu choro, acompanhando as pessoas de casa. Este choro é cantado, e de mistura leva algumas palavras em honra do defunto, já sobre as suas qualidades physicas, já sobre as suas virtudes moraes. Chama-se a isto fazer *guiza*, o que para algumas pessoas é uma habilidade, que muito as ensoberbece.

Esta *guiza* é frequentemente interrompida por historietas, algumas bastante livres, e não poucas vezes por grandes gargalhadas, para em seguida proseguir tão desaffinada como principiou, e assim continúa por intervallos até que o padre vem levantar o corpo. Não ha *guiza* sem repetidas libações de agoa-ardente, e largas comezainas, que chegam a durar oito dias se os doridos tem posses para costear esta despeza.

O corpo é mettido n'um ataude, como es que usam os inglezes, de tampa direita que se lhe prega depois, e vai com os seus melhores vestidos: atraz do caixão seguem-se todas as *carpideiras* vestidas de preto, que não cessam de fazer *guiza*, o que contrasta de um modo ridiculo, para o espectador europeu, com os cantos severos da Igreja, e com o lugubre do acto; mas o indigena experimenta sensações mui diversas, e não é raro vêr as lagrimas nos olhos de um creoulo, em quanto nos labios d'um *forasteiro* se depara com um sorriso mofador.

Se o defunto era pessoa importante em alguma irmandade, ou festeiro de algum Santo, acompanha o fêretro a sua bandeira; ao mesmo tempo que uma multidão de outras, improvisadas de lenços de côres atados no alto de canas, rodeam os que vão pegando ao caixão.

Desde a casa mortuaria até á Igreja rezam-se tantos responsos, quantos o costume tem estabelecido, ou são pedidos ao padre, quer pelos doridos, quer por outras pessoas. Cada responso chama-se *pouzo*, e os do costume acham-se marcados de distancia em distancia por toscas cruces. Os responsos de rigor, ou os que são pedidos pela familia, pagam-se nas despe-

zas do enterro; os que a devoção d'algun estranho requereu, são pagos por elle.

Cada uma das mulheres que acompanha o sahimento, deita uma bilha d'agoa sobre a cova depois que o cadaver foi enterrado; e é pelo numero de bilhas d'agoa, que deita cada pessoa, que se avalia do gráu de amizade que tinha ao defunto: esta cerimonia porém só se usa com os naturaes.

Em casa do dorido arma-se um altar com pannos brancos, e com os de seu uso ou colxas, e collocam-lhe um crucifixo, diante do qual se fazem preces pelo morto por espaço de trinta dias, concorrendo a ellas regularmente os parentes do defunto.

No setimo dia, e no trigesimo, celebram-se missas, com, ou sem officio de defuntos, conforme as posses dos doridos, a que assistem os amigos e parentes do fallecido, o que se repete no dia do anniversario: a esta, assim como á do trigesimo dia, são obrigados tambem a assistir os doridos. E' este um costume a que ninguem pôde esquivar-se, uma vez que não queira incorrer na geral reprovação de seus conterraneos.

O habitante do interior leva-se principalmente pelo medo da alma do *fnado* (*gongó*), que se lhe pôde meter no corpo, e atormental-o, por que lhe não deu os suffragios de que necessita para salvar-se.

O nojo da viuva tambem é de trinta dias, durante os quaes deve estar sentada n'uma esteira, ou sobre a cama, vestida de preto, embrulhada em um panno da mesma côr, e com a cabeça amarrada com um lenço tambem preto, tendo em roda de si as suas parentas e as do morto, e as amigas que queiram ir fazer-lhe companhia. Não lhe é permitido fallar diante de pessoas de fóra, mas pôde fazer *guiza* á sua vontade.

No fim dos trinta dias vai ella á Igreja, como disse, e faz-se nesse acto acompanhar do maior numero que pôde de escravas suas, a quem encarrega de rezarem por sua conta os rozarios que lhes destinou: as escravas, á proporção que acabam esta tarefa, levam o rozario á *Nhánha* para que o offereça pela alma do defunto. Tambem ha mulheres que se alugam para rezar estes rozarios (4).

Contarei um facto que vi na Ilha de Santo Antão em um dos poucos dias que alli me demorei.

Morava eu defronte da Igreja Parochial de Nossa Senhora do Rozario, e era já bastante tarde quando ouvi uns gemidos abaffados, e um som como de disciplinas: moveu-me a curiosidade a chegar á janella, e então avistei dous vultos brancos andando vagarosamente que se flagellavam repetidas vezes, e parecume ao mesmo tempo que via algumas manchas escu-

(4) Observei mais de uma vez que se o fallecido tinha alguma amizade criminosa, a rapariga, objecto desta, gozava entre as suas amigas de todos os privilegios de viuva, assim como soffria todos os encargos inherentes: tambem fazia *guiza*, recebia pezames, vestia de luto, e hia assistir ás missas. Não serão isto restos da polygamia africana?

ras sobre a brancura dos lençoes, ou pannos. Estes vultos foram-se approximando da porta da Igreja, ajoelharam no umbral della, e alli se demoraram poucos minutos açoitando-se, até que depois ergueram-se, e desapareceram.

No outro dia pedi a explicação deste facto á familia da casa, e respondeu-se-me; que quando morre alguma pessoa abastada, chamam-se dous ou mais destes flagelladores, a quem se dá uma recompensa, para que se disciplinem até escorrer sangue pela alma do defunto, ou na noite que succede á sua morte, ou nas que precedem o setimo, trigesimo, ou anniversario dia della.

Então os flagellantes sahem envoltos em lençoes sobre o tronco nú, e se açoitam com mais ou menos força, conforme a esportula, rezando, e dando voltas á Igreja, até que por fim fazem o seu offerecimento á porta da mesma, e partem a embriagar-se com a esportula, em que é d'obrigação entrar uma boa porção de vinho, ou d'agoa-ardente. Esta esportula é mais avultada quando algum menino tem de tomar parte na flagellação.

Este povo tem uma invencivel antipathia aos facultativos, a quem só recorre nas occasiões desesperadas, e em quanto dura o maior perigo; preferem tratar-se com um curandeiro, que lhes dá beberagens a que chamam *mésinhas*. Mas não se pense que estes curandeiros são como os que também imperam no povo dos nossos campos, que tem alguma experiencia, e um tal ou qual conhecimento dos simples: os melhores curandeiros nascem feitos, são assim fadados por Deus, e tem por isso uma sciencia maravilhosa e sobrenatural. Dous irmãos gêmeos são forçosamente curandeiros, e não ha oppor-se a esta crença universal, pois que não é capaz de desenganal-os o espectáculo das immensas victimas destes *medicos* predestinados.

Sendo em geral tão sobrios, perdem, ou melhor, fazem-lhes perder esta qualidade quando doentes; a pretexto de fraqueza obrigam-nos a frequentes e abundantes comidas fortes, que levam á sepultura tantos, pelo menos, como a falta absoluta de tratamento, ou a applicação de suas erradas *mésinhas*.

E comtudo ha entre elles remedios que parecem milagrosos: o jague-jague, entre outros, é uma planta de grandissima utilidade para expellir es secundinas, e para curar das consequencias usuacs d'um parto: applicado o seu cosimento quente com algumas folhas aos peitos e ás espadoas de uma mulher, mesmo quando já não tenha leite ha annos, faz com que lhe venha em grande abundancia e de boa qualidade; e até ha quem diga que produz o mesmo effeito n'uma donzella, que nunca tivesse conhecido varão; nesta parte porém não sei se ha exaggeração, mas no que deixo asseverado ainda ficou muito á quem do que ob-

servei. O embigo das creanças curam-no as parteiras com uma especie de terra preta, (5) e isto no curto espaço de quatro ou cinco dias: comtudo os filhos da gente pobre apresentam-no ás vezes tão sahido, que alguns vi eu que eram de mais de pollegada de comprimento, o que attribuo a falta de ligaduras, e de cuidado no seu curativo. Isto é muito commum na Boa Vista.

As bexigas são muito vulgares, e causam grandissimos estragos principalmente nas creanças, e comtudo não achei tanta resistencia, como ao principio suppunha, nos paes em leval-as a vaccinar; como porém nem sempre ha o pus vaccinico perfeito, ao passo que na maior parte das ilhas não ha pessoa que saiba applical-o, é grande a mortandade que provoca periodicamente esta epidemia.

Direi como vi curar alli de bexigas uma creança. A mãe trouxe-a nua para um pateo exposto a todo o ardor do sol, ao pé achava-se uma cassarola de barro onde se tinha feito um cosimento de folhas que me pareceram jague-jague, em que se mergulhava um molho de ramos de alecrim, com o qual se lhe esfregavam as bexigas até sahir o pus: é bem de crer que esta operação se realisava no meio de gritos e choros da creança martyrisada. Soube depois que era este o curativo usual das bexigas em toda o archipelago, o que dizem que é para não ficarem as marcas.

Em quanto estão com as bexigas bebem repetidas vezes caldo com toucinho, e comem toucinho com *jagacida* (milho e feijão) o que acham que é muito bom pera as fazer sahir; mas ao mesmo tempo não tem resguardo nenhum com ellas, pois andam expostos ao ar. Não é por tanto para admirar que a mortandade seja tamanha.

Taes são em resumo os costumes deste povo ainda tão boçal, mas que assim mesmo póde causar inveja aos seus irmãos de Portugal apesar de *mais adiantados na civilisação*, pois que muito se lhe avanta na amenidade de costumes e de indole, e na pratica da beneficencia e de todas as virtudes hospitaleiras. O que tem de bom, de Deus o receberam, a ninguem o devem neste mundo; e alguns vicios que infelizmente desfeiam seu optimo character, podem com justiça attribuir-se á falta d'educação e aos pessimos exemplos dos mestres de moral que a metropole lhe manda todos os annos — os degradados.

Lisboa, 30 de Agosto de 1848.

José Maria de Sousa Monteiro.

(5) Esta terra é tirada da porção mais fina que se acha ao pé dos regatos de agoa nativa, a que na terra chamam fontes.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



OWERBECK.

A decadência da arte, depois das brilhantes produções da renascença, tinha sido rápida; o sentimento do bello estava de todo extinto; o gosto dos cupidos, das flôres e dos ornatos mythologicos reinava despoticamente por toda a Europa, e abafava com a sua pompa exaggerada as nobres aspirações do genio; quando na Alemanha appareceu um homem, dotado pela natureza de um vigoroso talento e de uma alma apaixonada, que, calcando aos pés a tradição moderna, tão degenerada e perdida então, resuscitou a antiguidade, e deu-a como modelo á arte.

Winckelman proclamou o principio do bello ideal com paixão; e a Europa uniu a sua voz a este brado de regeneração.

Dois artistas, um Italiano outro Francez, responderam com as suas obras ao pensamento do mestre. Canova com o cinzel, David com o pincel deram o primeiro impulso á reacção que nessa epoca teve logar contra as ridiculas semsaborias, que tinham invadido os dominios da arte.

Winckelman achou continuadores dignos d'elle, em Les-

ing, e Goethe; e interpretes em Fernow e Carstens, cuja pureza e acabado, e cujo stillo antigo e simples tornavam chefe de uma pequena escola, que viveu apenas um espaço curto.

A esta reacção propriamente classica, que reduzia a arte a principios de perfeição absoluta, e a typos que tomavam origem no genio da antiguidade, seguiu-se outra, que reivindicou os direitos do individuo, e proclamou a sua liberdade, quebrando os laços que a restauração de Winckelman lhe tinha lançado. Esta escola tomou a denominação de romantica, e teve por creadores e chefes a Goethe e a Schiller. Frederico Schlegel, espirito cheio de entusiasmo e grandeza, escreveu o codigo deste novo modo de arte.

A escola romantica tomou maior extensão, adquiriu mais força com a invasão de Napoleão na Alemanha. O espirito alemão, vendo-se ameaçado de perder a sua existencia, sentindo que só uma concentração extraordinaria o podia salvar da ruina, procurou fortalecer-se pela recomposição do seu passado, fixou toda a sua attenção, empregou todo o seu trabalho em arrancar do pó e das trevas as tradições historicas, e as tradições poeticas. As balladas e as sagas,

os cantos simples dos mestres antigos, os quadros de pintores cujo nome já de ninguem era conhecido, tudo foi trazido á luz, e gravemente estudado pelas almas melancolicas, meditabundas, e brandamente apaixonadas dos Alemães.

Nesta epoca Sulpicio e Melchior Boissereau formaram uma riquissima collecção de quadros, que, depois de ser objecto do estudo de Frederico Schlegel e de Gœthe, foi ornar a Pinacotheca do rei de Baviera. Parallelamente a esta, um Inglez chamado Solly, formou uma outra collecção de obras dos mestres Italianos anteriores a Rafael, que depois vendeu para o muzeu de Berlin. A comparação destas duas collecções, provou aos artistas instruidos, a intima relação que prendia nos primeiros periodos da arte moderna as duas escolas italiana e alemã; relação que tinha por base a existencia de uma fórma essencial, que deu um caracter particular á arte christã, do mesmo modo, que a arte pagã se derivou tambem de um typo que lhe era proprio.

Levados pelo enthusiasmo que lhes excitou a descoberta, ou antes a resurreição da arte christã, alguns artistas alemães deixaram a patria, e tomaram o caminho de Roma, para alli, na meditação solitaria refazerem uma arte nacional, que participasse do bello antigo, que Winckelman lhes ensinara a admirar, e do espirito religioso que o estudo dos primeiros mestres lhes tiha revelado.

Frederico Owerbeck foi quem dirigiu esta primeira colonia. Este artista eminente nasceu em Lubeck em 1789, e entrou na academia de Viena em 1806. Abi porém o seu genio, que tinha, na observação das obras da idade-media de que é tão rica a sua patria, recebido o cunho místico e innocente de um artista christão, não poude suportar o estudo do antigo, que era exclusivamente seguido alli: e, sendo expulso da academia, dirigiu-se para Roma com alguns condiscipulos seus, para estudar de perto o estilo da arte que mais estava em harmonia com a sua organização melancolica e delicada.

Sem se occupar em estudar particularmente o primeiro periodo da pintura moderna; esse periodo denominado Byzantino, rico de grandezza e magestade, mas pobre e rude de fórma, Owerbeck empregou no estudo do segundo periodo uma perseverança, uma reflexão, e uma paixão, dignas das muitas bellezas que encerra, mas que produziram nelle a sympathia quasi exclusiva por uma fórma, que é talvez sempre a mais christã, mas que de certo não é sempre a mais perfeita.

Este segundo periodo, de que Giotto foi o principal representante, e que corresponde ao dos antigos pintores alemães, que Owerbeck já tanto havia estudado na sua patria, é cheio de uma graça mística, misturado da modestia e do encanto delicado e puro que a fé christã derramou no mundo. As obras de Owerbeck participam das boas e das más qualidades desta faze da arte italiana: porém não se julgue por isso que este artista é um servil imitador dos mestres italianos; a reminiscencia das escolas alemães mistura-se a todas as creações do seu genio, e dá-lhe um caracter proprio, que é digno de ser estudado e admirado.

Uma fórma de arte é a revelação do sentir intimo de um povo; para a comprehender perfectamente, é preciso sentir como sentiam os artistas que a crearam. Owerbeck para comprehender o stillo do segundo periodo, porque se tinha apaixonado, precisava sentir na alma a fé ardente de um catholico: o estudo consciencioso das divinas imagens da Virgem produziu a sua conversão. De protestante que era, Owerbeck fez-se catholico.

Desde então elle se poz á frente de uma escola, que conta já um grande numero de discipulos, e que acha admiradores em toda a Europa.

A gravura que damos hoje é copia de um dos seus quadros repassados de melancolia, de doçura, e de divina graça. A fé da meiga alma do mestre revela-se alli de um mo-

do, que não deixa duvida alguma sobre a sinceridade da sua conversão.

ANTIGOS OFFICIOS MILITARES.

O ALMOCADEM E O ADAIL.

Desde o principio da monarchia encontram-se frequentemente citados como importantes nos exercitos estes dois cargos. De ambos elles dependia em grande parte o successo das empresas, que assignalavam a guerra das fronteiras tanto no reino portuguez, como nas conquistas africanas.

Na antiga milicia a defeza do lar domestico, e da igreja onde repousavam os ossos dos fideis pertencia aos moradores da terra. No tempo em que o castello christão olhava para o alcacer mouro, na lucta se resumia a vida habitual, e a paz era apenas uma trégoa incerta a cada passo interrompida pelo clamor do combate. No silencio da noute a ronda dos seculas, vigiando o campo, sentia voar diante de si o corcel do arabe almogavar, e via branquear-se longe, ao clarão da lua, o albornoz que esvoaçava livre ao sopro da briza. Nos outeiros circumstantes surdia uma luz frouxa; scintilava depois uma chamma mais viva; e por fim todas as cercanicas acendiam em redor a fogueira das almenaras, o signal da proximidade do inimigo.

E que o arabe fôra pressentido, espreitando a preza. A *razzia*, (a investida nocturna,) que amanhecia com o inimigo ás portas das villas não passára occulto; e o descrido, descoberto, arremessando para longe a bainha do alfange, terçava a lança, e ao som dos anafis vinha talar as searas, e arrasar o casal perdido nas veigas. A povoação fumegando em ruinas respondia com prantos á fêra alegria do vencedor se tinha sido avisada tarde. Mas se o Adail soubera cumprir o seu dever; se os almocadens estavam firmes no seu posto, o arabe fugindo do campo á redea larga levava aos seus a nova de que o nazareno esperava como o lião vigiando de noute como vigiava de dia.

Quem eram pois esses dois homens, cuja vigilancia era o escudo de uma povoação inteira, cujo braço valia a força de um exercito? A horas mortas, não vêdes gemer nas correntes a levadiça e desfilarem pela encosta os homens-d'armas, levando na testa um cavalleiro que, ora pára e afia o ouvido, ora se adianta e visita as sendas tortuosas do pinhal, e percorre as balseiras da charneca envolta em profunda escuridade? Nem uma palavra sôa na callada da noute; só d'espaco a espaco se ouvem quebrar com motim as torrentes, ou se escuta o piar das aves nocturnas, pousadas na copa das arvores.

Se a vista daquelle homem se turvar, ou se uma cega confiança o desvairar, quando se recolher dirá aos seus: « o mouro está longe, podéis dormir! » E dos

trilhos que elle não bateu erguer-se-hão nuvens de inimigos; detraz de cada arvore sahirá um soldado; e cada tuffo de matto armar-se-ha de inimigos como por encanto. As sétas voam, as escadas encostam-se ao muro, e o grito de «Allah!» despertando os moradores com o punhal sobre o peito, os avisará de balde, que os olhos do Almocadem não viram, e que a sua ronda teve o arabe na ponta da lança e não soube achar-lhe o rasto!

O Almocadem era o cabo dos soldados de pé de cada concelho. Para ser Adail carecia-se de provar os dotes de bom Almocadem. De feito a firmeza da antiga milicia pedestre dependia d'elle. Quando entre os peões algum se julgava apto para este cargo vinha á presença dos Adais e narrava as proezas que tinha praticado para se fazer digno da promoção. Constituia-se então o jury guerreiro —, muitas vezes na vespóra da batalha, sobre as armas, e á luz palida da lua. Os Adais assentavam-se no meio do campo e doze almogavares experimentados formavam circulo encostando-se ás lanças. Os Adais tomavam-lhe juramento, obrigando-os pela esperança da sua alma a sentenciarem só pela verdade. Seguia-se o exame do novo Almocadem, propondo-lhe quatro perguntas:

— «Sabes da guerra em correria e em peleja? Em cilada e em assedio? Onde combateste? Onde estão os que te viram e sabem que mereces reger os outros?

— «E's exforçado de animo e de corpo? Quem dá testemunho a teu favor? Conta-nos as tuas façanhas. Queres mandar? Prova que és mais do que os outros?

— «E's d'estro nas armas, leve no salto, certo no golpe, e rapido na corrida? Quando o chefe pára o soldado perde a fé, e não caminha.

— «Podes ser exforçado como o leão, e ligeiro como o cervo; podes ser bom guia de soldados; mas quem nos attesta que sejas leal a teu senhor, e fiel a teus camaradas. Quem te affiança?

Ouvidas as respostas, e dada a sentença pelos almogavares, se era favoravel, os Adais levantavam-se e levavam o novo Almocadem á presença do rei, ou do rico-homem, que commandava a hoste ou a cavalgada, dizendo: «é merecedor este de que o façam Almocadem:» E o rei ou o rico-homem dava-lhe um vestido novo á moda da terra e uma lança com bandeirola para servir de signal ás suas companhas. E d'ahi por diante deviam-lhe obediencia como o cabo, e sobre elle pesavam todos os deveres do officio.

O cargo de Adail ainda era mais delicado e espinhoso. Nos documentos antigos dão-lhe tambem o nome de *zaga*. O foral de Thomar, fallando das correrias das fronteiras diz: «Da preza do fossado não se dê ao *zaga* mais de duas partes ficando aos moradores do concelho as outras duas.»

D. Affonso o Sabio, na Lei das sete Partidas descreve com miudeza as obrigações do Adail e insiste nas qualidades que o deviam recommendar. O *zaga* ou

Adail era quem governava os Almocadens e os almogavares. Quando no recato da noite as cavalgadas se torciam pelas veredas da montanha para amanhecerem sobre a corôa do castello roqueiro havia um homem que respondia pela sorte de todos. Era elle quem voava na testa dos almogavares, que ora corriam á direita, ora exploravam á esquerda, batendo os pinhaes e visitando as mattas cerradas. Se uma vez se enganasse, se trocasse o caminho ou perdesse o trilho, um golpe de inimigos podia affogar em sangue a empresa nascente. Se fosse mal informado dos movimentos dos arabes, em quanto os christãos se metiam pela fronteira moura, podiam ouvir pelas costas o grito «d'Allah!» misturado com os gemidos dos filhos e das esposas, e vêr o incendio atear-se nas casas e herdades, d'onde tinham partido.

E' que diante do Adail christão andava sempre o Adail mouro velando noite e dia os campos e os desertos. Na lealdade d'elles ambos repousava a segurança dos seus; e se o coração lhes desmaiava ou tremia diante do perigo; se a sétta voando do pinhal lhes varava o peito tudo estava acabado, porque ninguem mais podia dizer: «aquella estrada leva á ruina; — nesta vai a salvação!»

De origem arabe, como indica o proprio nome, o Adail nas guerras de recontros e emboscadas, de investidas e correrias, oontinuadas sem trégoa da fronteira moura para o concelho christão, era para assim dizer o homem do destino. Em quanto tudo dormia, disfarçado no albornoz mourisco montava o corcel com sella e estribos á africana. Só, mudo, e recatado vel-o-hião atravessar as veigas onde susurra a aragem nocturna; correr, e correr, aqui transpondo ribeiras arremessadas; alli furtando-se nas trevas ao encontro dos almogavares arabes, cujo gallope sôa de longe; adiante colhendo a redea e reprimindo a respiração, em quanto a rolda moura segue lenta e pausada na sua visita silenciosa.

Vêl-o-hião soffrendo a tormenta e padecendo o frio e a fome, á luz dos relampagos, estudar atalhos, medir veredas, e combinar a marcha occulta por gargantas de serras bravias, e por cima dos topos montanhosos, donde se penduram os mais temerosos despeñhadeiros. E depois á mesma hora, com o mesmo cuidado, voltar ao castello de Coimbra ou de Thomar e dizer ao alcaide: — «O mouro dorme sem receio. E' perigoso mas breve o caminho; amanhã, se Deus nos ajudar Leiria será d'el-rei e a cruz de Christo vencerá!» Eis o que era o Adail. Um momento de descuido, um relancear de olhos menos penetrante; uma traição facil, e os mais exforçados cavalleiros cahiam sem remedio diante da lança do sarraceno!

Com o nome de Adail apparece este officio no tempo de D. João I e dura até á epoca de D. João III. As chronicas da guerra d'África, o mais bello episodio da nossa cavallaria, em muitos logares en-

carecem a importancia do cargo e pintam o caracter de a'guns que o exerceram.

Agora vamos assistir ás ceremonias com que no exercito se levantavam os Adais. A noticia é tirada de um documento do seculo XIII e acha-se tambem quasi pelo mesmo theor na «Segunda Partida» de Afonso o Sabio.

Era de uso antigo ser o Adail alevantado pelo monarcha ou pelo rico-homem, que delle tinha a *Tenencia* da terra. Chamavam-se doze Adais e tomava-se-lhes juramento por Deus, pelo rei, e pela cruz da espada de dizerem toda a verdade em consciencia. Se não chegassem os Adais para o numero requerido convidavam-se tantos Almocadens velhos e sabedores quantos fossem necessarios para completar o numero de doze.

Então, em presença de todos era perguntado o pretendente sobre os quatro seguintes pontos: — «Conheces a terra, e os atalhos e veredas para guiares as correrias, e nos defenderes d'assaltos e investidas? Por tal sitio, se te mandarem, sabes onde corre a fonte e onde ha lenha para a fogueira do arraial? Em que logar porias as atalayas do campo e por onde enviarás os sculeas e almogavares?»

— «Como proverás ao sustento de peões e cavalleiros? Que vianda podem levar e para quantos dias?»

— «E's exforçado? Ousarás ir de noute espreitar no meio do mouro que dorme, ou cruzar por entre os almogavares que escutam? Se te pozerem a lança no gorgel trahirás o segredo de uma entrada? Se te encerrarem na masmorra sem luz, e com agoa pelos peitos venderás a confiança de teus irmãos? Se te atarem ao pescoço o nó de corda bradarás mercê descubrindo a cilada?»

— «E's leal? por peita de ouro ou de cavallo, de vacca, ou de mulher, entregarás o castello ao infiel, a espada ao cavalleiro, e a cavalgada ao alcaide mouro?»

Depois de ouvida a resposta, se o testemunho dos antigos lhe era favoravel juravam sobre sua cabeça — «seja este feito Adail,» — e honravam-no do modo então em uso. O que o devia proclamar dava-lhe vestido, espada, cavallo, e armas de fuste e de ferro das que se costumavam trazer na terra. Um rico-homem cingia-lhe a adaga, mas sem pescoçada de prancha, que só competia aos cavalleiros. D'ahi punha-se no chão um escudo chato, com as costas para fóra, e sobre elle collocava-se de pé o novo Adail. O rei ou o senhor que o investia no cargo desembainhava-lhe a espada e dava-lha nua pela ponta para lhe pegar direita como estoque. Os doze, que juravam por elle erguiam-no então no escudo á maior altura dos braços; primeiro voltavam-no ao oriente e elle com a espada fazia uma cruz no ar, dizendo — «Em nome de Deus, del-rei, e desta terra desafio os inimigos da fé!» E virando-se para as outras tres partes do mundo repetia o mesmo.

Apenas descia do escudo embainhava a espada, o rei ou o rico-homem entregava-lhe um pendão para signal, exclamando; — «Em nome do rei te dou hoje o officio de Adail; poderás ter cavallo, vestir armas, e assentar-te á mesa dos cavalleiros. Quem te offender será castigado por honra d'el-rei como se tivesses foro de cavalleiro.» Depois de assim nomeado Adail podia governar os homens do conselho e os cavalleiros, dava as vozes de commando, e tinha direito do punir de varas os almogavares e peões conforme fosse de justiça, com tanto que não ficassem tolhidos de algum membro.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO X.

O Castello Queimado.

IV

Como do noivado sahiu o enterro.

(Continuado do n.º 11.)

Como o carvalho, que as agoas minaram, enfezavam os ramos nós sobre o oceano da vida; e vendo as rosas palpitar arrebatadas na corrente — pergunta: Oh! quando será tambem para mim a hora desejada?

Na ancia das veladas noites, ao amortecer da lampada sentia a dôr mais viva recordar-lhe o que perdêra. Cruel espinho é a memoria! Sobre a madrugada o somno pousava-lhe de leve nas palpebras molhadas de lagrimas. O delirio dos sentidos mostrava-lhe então ao pé do leito a imagem que trazia no coração. Era ella; via-a como nos dias da sua belleza; a mesma grinalda de flores do campo sustendo os cabellos louros; as mesmas roupas alvas desenhando fórmulas divinas. Nos olhos, brincando o raio do amor; nos labios o sorriso abrindo como a rosa; mas o que elles fallavam não se ouvia. No dedo o anel dos esponsaes — aquelle que, havia um anno tinham trocado no cruzeiro da serra á despedida. D. Moço queria então estreitar a visão ao peito, e apertava só o ar. Nestes tormentos agonizou, não viveu, mezes e mezes, até que dois annos, contados da noite fatal, morreu no pobre mosteiro aonde se retirára.

Ao amortalhar-o acharam-lhe os monges um laço de cabello sobre o coração. Pelo quarto d'alva os que velavam ao lado da tumba adormeceram, e um que jazia em oração contou depois que vira apparecer uma

dama, formosa como os anjos e ajoelhar-se chorando sobre a cova; de dentro sahir um braço; e ella, com a mão apertada na do morto, cingir-lhe na testa a sua corôa de cecens. Um guerreiro de armas negras, rodeando, sem o romper, o circulo luminoso que a cercava, tres vezes tentou quebral-o, e outras tantas, vencido por força invisivel arrastou a face no pó do templo. Era o noivado dos mortos entre Ausenda e Moço Ansures, — e a sombra de Inigo Lopes, ainda a perseguir o sangue do conde Ordonho.

CAPITULO XI.

Só o coração não morre!

Quando depois de acabada a lenda os dois cavalleiros e o monge entraram na sala d'armas o sol escondia-se no poente.

A manhã tinha sido calmosa, e o céu embaciado de vapores ao cahir da tarde desmerecia em azul-livido, e em branco-azulado mais para o longe. Detraz das serras iam levantando a cabeça torreada nuvens grossas e pardas, diante das quaes outras mais leves esvoaçavam fugindo. O sol vermelho de fogo despedia-se mergulhado na barra cinzenta do poente, tingindo de reflexos de ouro e rosa as arestas dos muros e o vertice dos montes.

Como cinto que se alarga despontava do horisonte o cerrado negrume, que a intervallos sulcam os veics chammejantes dos relampagos fuzilando. Depois surdos e prolongados rebombos de trovão repetem-se, de echo em echo, no espaço.

Osilencio era profundo. No céu as aves fugiam aos bandos; na terra, arida com o calor da tormenta, até se calara o sussurro das arvores, e o murmuro das agoas; vozes do hymno consolador, que a aurora na fresquidão, e o crepusculo da tarde na sua melancolia entoam a Deus, saudando a luz e a noite, symbolos da fadiga e do repouso.

De quando em quando sentia-se passar lenta e gemida a rajada do sul nas gargantas dos serros; e as searas acamavam tremulas ao açoite da sua cholera. Esta lufada breve e secca era a nuncia do temporal. Dentro em pouco, na sua pompa tremenda iam vel-o chegar coroado de raios, e vestido de chammas. No esteiro do Mondego, perto do alcacer, as ondas estorciam-se no leito, e gemendo tornavam a adormecer, como enfermo que se afadiga em somno agitado.

Entre tanto dos tres homens reunidos na sala d'armas, nenhum levantára a vista para lá. A historia de Inigo Lopes tinha prendido toda a sua attenção, sem modificar os seus planos.

Entregue a pensamentos de vingança é que Martim Paes alli viera. Respondendo á mensagem do mourisco, D. Maria promettêra trazer a Santa Olaia o illudido cavalleiro de Salzedas. Um recado do senhor de Lanhoso aos parentes da sua casa, reunidos em Coimbra, para a festa da coroação, avisava-os que acudis-

sem ao castello, onde eram chamados para se resolver um caso de vida ou morte. Tentando, debalde, conciliar a consciencia com o crime o irmão de D. Maria Paes procurava imputar a outrem a principal responsabilidade do acto de perfidia que estava determinado a praticar. Os costumes do seculo concediam-lhe ser quasi juiz no seu pleito; e, aproveitando-os, suppunha-se absolvido da infamia de covarde, uma vez que dêsse ao assassinio a sancção de muitos. O desgraçado esquecia que o homicida quebra os laços da patria e da familia; e sobre o sorriso dos filhos e o amor da mulher espalha as rôxas agonias do terror e do castigo!

A voz que na capella accitou o seu desafio, atterrando-o, não lhe mudára a tenção. Similhante a todos os eriminosos imaginava que os olhos de Deus o não seguiam pelos tenebrosos desvios do seu crime.

Taes eram na hora em que estamos, as suas reflexões, encostado ao mainel da fresta a olhar os campos por onde como fita tortuosa colleava a estrada que havia de pisar Gomes Lourenço.

Do outro lado D. Nuno dobrado sobre os joelhos scismando comparava a aspereza dos antigos tempos, em que as armas eram d'aço, á debilidade do seu, em que os homens por fracós, dizia elle, já não abriam uma cova á porta de cada solar, e não respondiam com punhaladas ao mais leve doesto.

Para este adulator do passado a cultura dos costumes era perversão. Não via o caminhar da sociedade; e tapando os ouvidos não escutava a palavra de esperanza, que as gerações presentes repetem ás gerações futuras. Com as costas para o porvir cegava os olhos no crepusculo da noite, sem força para os lutar no romper da aurora. Para elle o berço, d'onde o seculo novo se ergue triumphante, era o tumulo em que dorme o seculo findo.

Homens assim, andam cegos com os olhos abertos. E queixam-se, e calumniam, e perseguem! Sectarios-sonambulos matam e morrem em nome de politicas proscriptas, de idéas cadavericas, e de crenças moribundas, julgando resuscitar pela intolerancia o predomínio que passou.

D. Nuno, sem o valor heroico, verdadeira corôa da cavallaria da epoca, fôra accusado de fraqueza em occasiões, em que ella se torna indisculpavel. — Cruel e vingativo, não esquecêra, nem perdoára os motejos. No fundo do coração assentou como divida sagrada a memoria de todas as injurias. Os cavalleiros moços, menos prudentes que os velhos, cravaram-lhe o punhal do escarneo diante do rei nos saráus da côrte e na presença das damas; e para vingar as offensas recebidas, D. Nuno sabia que uma existencia de seculos não chegava! Por isso, ferindo na cabeça o mais estimado dos soldados moços, escolhia-o para victima do seu desaggravo, e exemplo dos motejadores. Quem era mais apto do que Gomes Lourenço para realizar este pensamento vil e atroz?

De pé, no umbral do balcão, desenhava-se a figura de Fr. Munio, destacando das outras duas pela mansa e resignada expressão do rosto. Ao passo que as sombras do crime carregavam na physionomia d'aquelles homens ferozes, a sua respirava paz e misericórdia.

A testa elevada; os olhos aonde apagado o ardor das paixões brilhava a serena luz da reflexão; e os cabellos brancos cahindo ondados pelos hombros assemelhavam-no ao vulto de granito, em que a tradição esculpiu a magestade sacerdotal dos prophetas. Nas feições allumiadas de uma melancolia mansa e nobre estava escripta a victoria do espirito sobre a carne, e a lucta secreta (quem sabe se mais nobre, do que muitas estrondosas) do orgulho do soldado com a humildade do claustro. Aquella grosseira estamena, em que apertava o cilício ao peito, conhecia a historia talvez terrível das agonias, das saudades, e dos affectos chorados na solidão. Era a mortalha das paixões que viviam e queimavam no coração do cavalleiro mortas ou vencidas no coração do monge.

Pastor de homens, herdeiro da mansidão do primeiro mestre era risonha a sua virtude e consoladora a sua fé, como verdadeira filha da esperança. Austera só consigo, trazia no semblante a alegria do céu, a humildade do justo, e a charidade do apostolo. Mas quando a sua voz, branda como Christo, não era escutada no tumulto do mundo, elevando-a como Jeremias, e vibrando-a pezada de exemplos nos paços e mosteiros, semeára algumas vezes nas cinzas dos vícios as flôres do arrependimento.

A historia da sua mocidade era um segredo. Nascido em berço illustre, e cavalleiro dos ultimos tempos d'Alfonso Henriques, e dos primeiros de seu filho D. Sancho, attribuiam-lhe rasgos de valor heroico. De repente desapareceu, e ninguem soube mais d'elle; diziam uns que fôra peregrinar á Palestina; diziam outros que partira para chorar, longe da terra natal, a mulher, de quem o amor fôra para elle a luz e vida; cuja morte prematura, envolta em mysterio, se ignorava se proviera do ciúme, ou de occultas penas.

Quando, decorridos doze annos tornou a voltar conheceram-no com aquelle habito e aquellas feições, velho antes do tempo, sobretudo admiraram o reflexo de serenidade celestial que as dourava. Das paixões do soldado ou do amante nem o menor vestigio! — Se em algumas occasiões a memoria ou a saudade se ergueram na solitaria enxerga, as suas lagrimas suffocadas na cella da penitencia, nunca transpiraram para fóra d'ella. O nome por que se tinha chamado no seculo, escondeu-o, como se recordasse desdouro. Lembra-lhe uma vida que anciava esquecer nas austeridades monasticas, inuteis quasi sempre para curar as dôres da alma? Quem sabe! Presumir investigar taes segredos é vaidade. Quando o interrogavam sobre o passado, respondia: «O homem novo despiu as vai-

dades do homem velho. O que é o nome, quando se amortalhou e está enterrado quem o teve?

Cançaram-se por fim de indagar, acostumando-se a vêr em Fr. Munio um frade como os outros. A sua historia, os seus trabalhos, e a constancia com que os padecêra, revelados sob o sigillo da confissão ao abbade de Cister, tiravam ás vezes do illustre dignatario da igreja esta sentença moral: — «Ha virtudes assopradas que luzem muito e valem pouco. Os bons não são os que choram sempre, mas os que andam risonhos estando tristes, e consolam precisando de ser consolados. Vejam Fr. Munio! . . . » O abbade parava sempre aqui.

Em quanto dêmos ao leitor esta breve noticia do character das pessoas que entram na scena desta historia, do lado de Coimbra e no alto de um tezo ainda distante do castello, remoinharam rolos de poeira, e aos raios do sol poente scintillaram capellos, lanças e arnezes. Os sons das trompas retumbavam no ar, e estendiam-se ao longe.

— «É Gomes Lourenço? bradou D. Nuno. Tão cedo!?»

(Continua).

POESIA.

UM SONHO.

Nas margens ledas do formoso rio
Sentado me encostei a um verde freixo,
E á sombra aspirando o ar macio,
Contente estava em magico desleixo.

Nesta frescura amena descansado,
Os olhos fitos no azulado céu,
Pouco a pouco, do somno fui tomado,
Toldou-me a vista condensado véo.

Eu já não via as agoas prateadas
Do rio, nem as barcas, que nadando,
E pelos frescos ventos embeladas,
Em seu arfar continuo vão lidando.

Era cego; mas vi co'os olhos . . . d'alma,
Alvos cisnes em lago de saphira,
E um angelico ser, qu', em doce calma,
Se recostava na dourada lyra.

Vi um batel, brilhante, de cristal,
Remeiro d'engraçada formosura,
Com remos d'ouro, postos no braçal,
O fez varar da relva na verdura.

O Anjo bello na lyra então pegou,
E pela mão direita me tomando,
Comigo no batel logo saltou,
Que, prestes, pelo lago foi vogando.

E vogando, vogando alfim parámos
N'uma ilha de bosques mui frondosos,
Aonde d'esmeralda em verdes ramos
Mil aves cantam cantos sonorosos.

De variadas flores fragrancia rara
Co' ameno aroma os ares embalsemava,
De limpida corrente fonte clara
No mimoso vergel serpenteava.

Do formoso batel então sahindo,
Pelo celeste guia conduzido,
A Alabastrino templo fui subindo,
Que está de mirto e rosas guarnecido.

Subi, no templo entrei e deslumbrados
Meus olhos foram com tamanha luz,
Uma donzella vi, que, recostados
Os braços tem no pedestal da cruz.

Alvo é o rosto, os trajas são nevados,
Ébanicos, undivagos cabellos;
Tem na boca sorrisos engraçados,
São de claro esplendor os olhos bellos.

Extatico fiquei, mudo, e pasmado,
Ao vêr de virgem tal tanta belleza,
Meu pensamento todo d'enlevado
Esqueceo vida, céu, e natureza.

Mas de celeste voz a melodia
Alegre, a meus sentidos me tornou;
Trovador, escutei, que me dizia,
Tua constancia o céu já premiou.

Essa virgem, que vês, meiga e formosa,
Que tanto lhe pediste em teus cantares,
Sempre innocente, bella e carinhosa,
Amor te jurará sobre os altares.

Olhei, então, e vi os olhos della,
Que cheios de brandura em mim pousava,
Com aquella meiguice, que revêla,
Que do anjo as palavras confirmava.

Erguendo-se depois... visão celeste!
As aras uma c'roa, foi buscar,
E disse: bem ganhál-a tu soubeste,
Trovador, que tão bem sabes trovar.

Aguardei, de joelhos, delirante,
Beijar a mão que a c'roa me cingia;
Mas de todo cegou-me n luz brilhante,
Que dos formosos olhos espargia.

De repente do véo fui desvendado,
Essa formosa luz já não luzia...
Anjo, vergel e templo consagrado...
Tudo, tudo da vista me fugia.

Ergui-me então do somno despertado,
Com tristes penas a lidar fiquei,
Nessa margem do Tejo, desgraçado,
A pedir a ventura, que sonhei.

Aires Pinto de Sousa.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, e entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

Lamego, o Sr. Francisco Bernardino Pereira Guimarães. — *Vizeu*, o Sr. Antonio da Silva. — *Braga*, o Sr. João Antonio d'Oliveira Braga. — *Penafiel*, o Sr. Antonio Coelho de Menezes Guimarães. — *Coimbra*, o Sr. José Joyce. — *Aveiro*, José Simões de Paiva. — *Feira*, Bernardo José Corrêa de Sá. — *Figueira*, o Sr. Ignacio Fernandes Coelho. — *Santarém*, o Sr. João Bonifacio Guimarães. — *Thomar*, o Sr. Antonio Joaquim d'Araujo. — *Abrantes*, o Sr. Raymundo José Soares Mendes. — *Evora*, o Sr. Bento Pereira Machado. — *Lagos*, o Sr. Januario José Simões. — *Beja*, o Sr. José Ricca. — *Tavira*, o Sr. Mattos & Palma. — *Faro*, o Sr. José Bento Dias Pereira. — *Villa Real de Santo Antonio*, o Sr. João de Sousa Medeiros. — *Elvas*, o Sr. Antonio Ferreira Guimarães. — *Barcellos*, o Sr. Francisco José Pereira Braga. — *Amarante*, o Sr. Victorino Ferreira Bessa. — *Villa Real*, o Sr. Manuel Ignacio Pinto Saraiva. — *Régoa*, o Sr. Lourenço Pinto de Sousa. — *Chaves*, o Sr. João de Sousa Pinto de Barros. — *Bragança*, o Sr. Manuel José Dias Mendes Pereira. — *Guimarães*, o Sr. Miguel Fernandes de Sousa Vilella. — *Vianna*, o Sr. Luiz Manuel Monteiro. — *Setubal*, o Sr. Agostinho Rodrigues Albino. — *Leiria*, o Sr. Miguel Joaquim Leitão. — *Torres Vedras*, o Sr. José Eloy da Silva. — *Torres Novas*, o Sr. Olimpio Justino Victor. — *Alcobaça*, o Sr. João Pereira. — *Portalegre*, o Sr. João Anastacio Dias Grande. — *Estremoz*, o Sr. Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio. — *Mirandella*, o Sr. José Bernardino Pinto Saraiva. — *Valença*, o Sr. Manuel Leite Ribeiro e Silva. — *Covilhã*, o Sr. Antonio Joaquim da Silva Junior. — *Castello Branco*, o Sr. Francisco José Morão.

AVISO.

Terminando com este n.º o primeiro trimestre da «Epoça» rogamos aos Srs. Assignantes que satisfaçam com a maior brevidade ao pagamento das suas assignaturas, e participem immediatamente aos nossos correspondentes, se querem ou não continuar no seguinte trimestre a receber este periodico.